

• *Mário de Carvalho e a reflexão metaficcional sobre o futuro do romance* • *Sátira e o cepticismo: configuração de personagens em Mário de Carvalho* • *Escrever tem arte e tem segredos ... Era bom que trocássemos umas ideias sobre o assunto* • *O processo criativo em Era bom que trocássemos umas ideias sobre o assunto* • *Intertextualidade e metaficção em Fantasia para dois Coronéis e uma Piscina, de Mário de Carvalho* • *Trimalquião, os coronéis e a piscina: retrato impiedoso de um país em crise* • *A Paixão do Conde de Fróis: paródia e subversão* • *“Como dizia o outro”: a presença dos Clássicos em Mário de Carvalho* • *Cultura Clássica em Um*

ENSAIOS SOBRE  
**MÁRIO DE  
CARVALHO**

MARIA DE FÁTIMA SILVA  
TEREZA VIRGÍNIA RIBEIRO BARBOSA  
COORD.

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

*elemento mouro como símbolo de alteridade e  
barbárie em Um* *deus passeando pela brisa da*

O processo criativo em  
*Era bom que trocássemos  
umas ideias sobre o assunto*

Ana Paula Arnaut  
Centro de Literatura Portuguesa/FLUC

(Página deixada propositadamente em branco)

A Advertência a *Era bom que trocássemos umas ideias sobre o assunto* anuncia e garante que “Este livro contém particularidades irritantes para os mais acostumados. Ainda mais para os menos. Tem caricaturas. Humores. Derivações. E alguns anacolutos”, assim parecendo, desde o início, pretender desorientar o leitor, alertando-o para o facto de que a ficção, esta que se dá a ler, não é História mas invenção, ilusão criada (o próprio narrador afirma a determinado momento não ter conseguido inventar melhor<sup>1</sup>). Todavia, a verdade é que, apesar disso, se consegue um belíssimo e reconhecível retrato de tipos que povoaram (e que povoam) um espaço e um tempo de uma época.

Imitação imperfeita é certo, mas representação possível no âmbito da enciclopédia de quem se tem mostrado atento ao panorama social do Portugal pós-Revolução dos Cravos. Do que se trata, por conseguinte, não é tanto fazer doutrina e teorização de tom sério sobre um recente campo de experimentação e inovação literárias, em oposição a tradicionais práticas de influência oitocentista. Trata-se, antes, de utilizar o paradigma metaficcional post-modernista para, sob uma meramente aparente ligeireza discursiva, posicionar ao nível de uma estrutura profunda os estiletos com que “leva a cabo”,

uma série de ajustes de contas com o seu passado e presente de militante do PC, e ainda – o que foi muito notado – com o mundo do jornalismo contemporâneo, aqui caracterizado com toda a acidez que há um século Eça destilara a propósito dos Palma Cavalões do tempo<sup>2</sup>.

A competência semiótica exigida para a compreensão destes e de outros “ajustes de contas” traduz-se, então, na necessidade de descodificar a obra não apenas à luz das relações paródicas que estabelece com outros textos, mas também à luz do forte impulso satírico e irónico, e por isso mais hilariantemente corrosivo, desse outro texto que é o mundo para que somos remetidos.

Entendendo por sátira a “critical representation, always comic and often caricatural, of “non-modelled reality”, i.e. of real objects (their reality may

---

\* Texto retirado e adaptado de Arnaut, 2002: 245-274.

<sup>1</sup> Carvalho, 2003: 59. Afirmação feita a propósito do possível local onde Eduarda terá adquirido “um ror de palavras finas” como “*Blasé, interface, intertextualidade, frontispício, new age, paralaxe, pórtico*” (itálicos do autor).

<sup>2</sup> Silvestre e Diogo, 1998: 1 (15 pp.).

be mythical or hypothetical) which the receiver reconstructs as the referents of the message”<sup>3</sup>, parece-nos pertinente identificar três importantes núcleos de personagens-tipo. Núcleos a partir dos quais se torna possível estabelecer laços com um colectivo de gentes cuja ascensão decorreu dos libertários tempos de Abril. Podemos até nem conhecer os rostos de cada uma delas, mas sabemos os tiques acumulados e cultivados e isso basta para que se despolete o processo mimético, o processo de uma representação, se não verdadeira, pelo menos verosímil (*si non é vero é bene trovato!*).

Salvaguardando as devidas distâncias pictóricas e alegóricas, da mesma maneira que, em *Era bom que trocássemos umas ideias sobre o assunto*, Jorge Matos olha para a *Caça ao Leão* (de Delacroix) e se lembra da gravura “sobre a revolução de 1830, com a demoiselle aux grosses mamelles sobressaindo, branca, entre beligerantes irados, escopetas, cadáveres e desolações”<sup>4</sup>, e que não havia podido comprar visto ter sido apreendida pela PIDE, também o leitor desta obra ao olhar, lendo, personagens como Rui Vaz Alves, Eduarda Galvão ou Joel Strosse Neves (e outras personagens colaterais, mas afins), activa certas estruturas cognitivas que lhe trazem à mente uma galeria de figuras bem interessantes.

Referimo-nos aos que, na linha do espírito jocoso sempre latente na obra, podemos designar, numa primeira categoria, de tipo do parolo empresário da cultura. Rui Alves, bem falante de vazio conteúdo (e cujo discurso por vezes se corrige<sup>5</sup>), é, pois, o tipo do homem pseudo-culto; do género dos que obtêm no estrangeiro a sua licenciatura, no caso sobre “«As Disposições das Alminhas nas Encruzilhadas do Alto da Beira””, por incapacidade de o fazer num Portugal onde, provavelmente, se detectariam os erros de ortografia. No seu braço, o eventual bom gosto de um relógio

<sup>3</sup> Ben-Porat, *apud* Hutcheon, 1985: 49.

<sup>4</sup> Carvalho, <sup>5</sup>2003: 46.

<sup>5</sup> São várias as oportunidades aproveitadas pelo narrador para correcção do discurso desta e de outras personagens: “Nessa conformidade (ele [Rui Alves] dizia «como tal») o primeiro requisito que se exigia era que os colaboradores (eufemismo para «empregados») fossem capazes de «implementar, em primeiro lugar a eficácia, em segundo a eficácia e em terceiro, a eficácia”, “Era um mau prenúncio (*pernúncio* [Eduarda]). Haveria uma catástrofe, um dilúvio com chuva de enxofre e depois o mundo seria melhor”, “«Ainda bem que o encontro, porque era precisamente consigo (“com você” [Eduarda]) que eu queria falar”, p.61; “Eu vinha pedir ao senhor doutor (*sótor* [Eduarda]) um grande favor”, “O sargento da GNR declarou, de bigodes ameaçadores, que o caso (a «ocorrência») era da competência dos tribunais”, p.109; “Depois, respirou fundo, da fadiga, ajeitou o braço que trazia ao peito e pediu licença para dormir (ele [o bispo de Grudemil] dizia: «para se concentra») um pedacinho” (Carvalho, <sup>5</sup>2003: 22, 38, 72, 111).

Rolex é traído pela coexistência pacífica, mas promíscua, de “uma daquelas pulseiras com duas esferazitas de metal”, supostamente capazes de afastar reumatismos, “dar energia e evitar doenças e não sei se maus-olhados”<sup>6</sup>, que há anos fizeram moda entre gente crédula e incauta.

Adjacente ao delinear deste retrato, completando-o extensionalmente e de um modo que permite, porventura arresvadadamente, uma mais lata imiscuição crítica no papel de algumas das nossas veras Instituições, os dados facultados sobre a Fundação, de cuja administração é vogal, revelam (desde a prioridade dos subsídios a atribuir até às exemplares secretárias que ali labutam) a tacanhez e a falta de iniciativa no que diz respeito a aspectos culturais<sup>7</sup>.

Num segundo grupo, salientemos o tipo da (pseudo) jornalista incompetente e arrivista, representante também, via revistas *Modelar* e *Reflex*, de um género de imprensa de influência estrangeira, de cujo nome o autor afirma não querer recordar-se mas que facilmente identificamos com as ‘Holas’ expostas nas bancas de jornais.

Os traços iniciais desta personagem, sobre a qual o narrador confessa não querer “entrar em muitos pormenores psicológicos, porque tenho pressa, e prometi não aprofundar em excesso esta figura” (e de quem sente por vezes vontade de “dar cabo”), mesmo sendo facultados “a pinceladas rápidas, de zarcão, despachadamente”, permitem, contudo, e desde logo, induzir o perfil ridiculamente oportunista (que será progressivamente completado de modo sempre mais acintoso) dos muitos a quem vai dando jeito, ainda hoje, dedicar-se mais à cultura<sup>8</sup>.

Em comentário com o qual não concordamos inteiramente, Linda Santos Costa sustenta:

---

<sup>6</sup> Carvalho, <sup>5</sup>2003: 18-22. Não esqueçamos a sua capacidade de criar frases originalíssimas (!) do tipo “«*Laissez faire! Laissez passer*»”, em artigos célebres, género “«A mão invisível actua com pés de lã»”.

<sup>7</sup> Os critérios que presidem à atribuição de subsídios estendem-se ironicamente pelo “dignificante” de “uma exposição de colchas bordadas à mão pela Marquesa de Valverde, um curso de *ikebana*, ou uma conferência sobre heráldica” (aduzar-se, ainda, que a mediação pode operar o milagre de arrumar os Marcos Paulos da época nesta mesma categoria), enquanto “um espectáculo da Cornucópia, um recital de versos de Alexandre O’Neill, ou um filme português (...) sofreriam a nota de «interessante mas não prioritário»; “Um livro de poesia de um jovem autor seria inexistente” (Carvalho, <sup>5</sup>2003: 23-24). Sobre a questão do árduo trabalho das secretárias que fazem fichas “à mão, à razão de uma ou duas fichas por dia” porque, afinal, as “práticas Tarot e conversações” sobre a mesma matéria revestem-se de bem maior importância (!), ver *ibid.*: 138-139.

<sup>8</sup> Ver *ibid.*: 61, 29, 58 e 104 para o desejo de dar cabo de Eduarda.

Eduarda Galvão é a ocasião, que o autor se oferece, para exercitar o seu pendor moralista (todo o humorista esconde um moralista que se ignora) e ajustar contas com um mundo e valores que lhe são estranhos (no duplo sentido de desconhecidos e alheios). A sátira é violenta e conseguida, mas destoa do tom geral do livro. Dir-se-ia que Eduarda Galvão e Vera Quitério não pertencem, por razões opostas, ao espírito que presidiu à criação do romance<sup>9</sup>.

Ao contrário do que afirma a autora, não julgamos que o tom de virulência utilizado destoa do que perpassa a globalidade do texto. A própria bonomia com que é tratada Vera Quitério, se é certo que se afasta desse tom satírico, revela-se, contudo, necessária como ilustração complementar contrastiva e, por isso, susceptível de aumentar o grau da crítica exercida sobre a degenerescência de certos valores de esquerda, de certos valores de Abril em termos mais englobantes. Nestes se incluem os que satiriza a partir de Eduarda Galvão, o que nos leva a discordar, também, da alegação de que o ajuste de contas que faz a partir desta personagem diga respeito a um mundo que lhe é desconhecido e alheio.

Afinal de contas, o autor assistiu e viveu na leitura dos jornais ao aparecimento e ascensão das Eduardas Galvão de uma imprensa seduzida por bombásticas notícias do género “cão mordido por um bispo”; as mesmas Eduardas que não morrerão “tão cedo, nem no romance nem fora dele”<sup>10</sup>. As mesmas que, ainda, revelando-se incapazes de fazer entrevistas, na língua materna ou em outra (caso da entrevista ao escafandrista Bertrand L’Église), se arrogam o direito e a capacidade de vestir a pele do crítico literário que, em duvidosas e sempre caricatas secções de revistas recomendam a leitura de Alberto Helder (*sic*) e “outros poetas «modernos»”.

Este comentário-deslize, que ajuda o narrador a traçar o retrato robot da jornalista ignorante e oportunista, encontra-se perfeitamente sintonizado com as características que, posteriormente, ressaltarão também dos excertos irónico-jocosos em que se dá conta da entrevista à escritora Agustina Bessa Luís:

Foi a promissora Eduarda que mandaram ao Minho, entrevistar uma certa Agustina Bessa Luís, de quem na altura se falava muito. Ela leu um terço de *A Sibila* no comboio e gostou muito do primeiro terço desse terço;

---

<sup>9</sup> Costa, 1995: 10.

<sup>10</sup> Carvalho, 2003: 212.

Quando, já no comboio, Eduarda consultou os seus apontamentos, sentiu-se muito confundida. Não conseguia reconstituir a maior parte das frases. Não ousara pedir autorização para usar o gravador e agora via-se com umas folhas garatujadas que lhe pareciam não corresponder exactamente ao que lá na revista esperavam de uma conversa com Agustina. E sobressaltou-se, porque se lembrou dum episódio ocorrido com um colega, recentemente despedido da *Reflex*, por causa de algumas imprecisões mal compreendidas pela chefia<sup>11</sup>.

Este episódio é seguidamente relatado, de forma a ilustrar a extensão do problema da ignorância no terreno jornalístico. O entrevistado é, agora, um escritor de tipo abjeccionista que, entre outras coisas, conta ao jovem entrevistador ter sido “colega de curso de Gomes Eanes de Zurara, num colégio de Messejana, que costumavam ambos faltar às aulas para ir às bananas e aos abacates, numa quinta que era do pai do intendente Pina Manique (aquele dos automóveis...)”!.

A ironia virulenta que sempre acompanha a vertente satírica, e nunca isenta de interessantíssimas contaminações culturalmente humorísticas, é exercida, ainda e sobretudo, a propósito da terceira categoria, a do tipo do cidadão pseudo-intelectual e pseudo-empenhado, aspirante ao que vulgarmente designamos por esquerda festiva, na pessoa de Joel Strosse Neves.

Em episódio que assume “repleto de expedientes literários”, e por isso poupando “o leitor a mais um” (apesar de confessar que “Vinha a calhar agora um sonho, com multidões, cânticos e bandeiras e umas irrupções disparatadas” de tonalidades surrealistas<sup>12</sup>), a personagem começa a ser desenhada nos acordes ideologicamente caricatos que se consubstanciarão no decorrer da narrativa.

---

<sup>11</sup> Ibid.: 118 e 144-145, respectivamente; ver 58 para a menção a Alberto Helder; 65-66, 71-73, 85-88 para a incapacidade de entrevistar o escafandrista Bertrand L'Église e 145-146 para o episódio da entrevista com o escritor de tipo abjeccionista.

A propósito deste e de outros tipos criados, ver Cotrim 1996: 38-49. A propósito das Eduardas do tempo que corre, comenta Mário de Carvalho: “Substituiu-se a crítica pelo comentário jornalístico. Há, em dado momento, um retrocesso. Quem aparece a fazer crítica não tem a mesma espessura de conhecimento, de cultura, de capacidade de associação, de sensibilidade em relação aos textos (...). Instalou-se muito desconhecimento da nossa literatura, às vezes até por falta de formação académica das pessoas que fazem esse trabalho” (ibid.: 46-47).

<sup>12</sup> Carvalho, 2003: 33.

O fascínio, há muito adormecido, pela envolvimento misteriosa que, por alturas da ditadura salazarista, rodeava o grupo de esquerda a que pertencia Jorge Matos, e decorrente mais do desejo de sair do medíocre anonimato em que vivia e entrar no “panteão dos heróis” do que de fortes e arreigadas convicções políticas<sup>13</sup>, é acordado em Joel Neves por mero acaso. A revelação acontece quando, em gesto classificado como “bastante inspirador”, descobre na estante alguns dos livros, agora empoeirados, que, para impressionar, comprara em tempos de juventude universitária.

No presente, como no passado, fica todavia claro que o hábito não faz o monge. O desajuste que Joel ilustra, entre o que se quer parecer e o que efectivamente se é, traduz-se, embrionariamente, entre outros exemplos, na incapacidade para ler um Engels que se fecha sem cerimónia e se larga na alcatifa, ou para ler uma *Ça ira!* que, devidamente enrolada, termina a servir de interessante arma mortífera contra as moscas<sup>14</sup>.

É, contudo, a partir da sua decisão para ingressar nas fileiras do PCP que mais veementemente se processa o ajuste de contas do autor, quer em relação ao Partido quer no que respeita a extemporâneas tentativas de adesão da parte de certas pessoas. Essas em que a ausência de convicções político-ideológicas é resolvida por um desmesurado e anacrónico desejo de pertencer a um grupo que foi, outrora, protagonista de uma história empenhada. O mesmo grupo que hoje, o de agora e o do presente de enunciação, respeitante ao ano de 1994, parece querer ser frequentado, *ad exemplum*, por ‘tipos’ para quem ser de esquerda é uma moda marginal (de que fazem parte, entre outros sinais, a ostentação de certos livros ideologicamente conotados, a ida notada à festa do Avante ou a frequência de determinados locais) e, por conseguinte, susceptível de facultar, pela diferença, estatuto destacado no cenário social coetâneo.

---

<sup>13</sup> Ibid.: 51-53. A mitificação de um futuro papel de relevo na actividade partidária encontra-se bem patente nos seguintes excertos: “a palavra «camarada» tomava cada vez mais para ele uma conotação ao mesmo tempo heróica e ternurenta. Ao passar em frente do Hotel Vitória imaginava o movimento lá dentro, tenso, transpirado com reuniões, conversas políticas, leituras comentadas de Lénine, preparação de movimentos sociais, fraternidades de operários e intelectuais, invenção meticulosa e científica de palavras de ordem... (...). E via-se numa daquelas reuniões, com o tecto abaixado pelo acúmulo algodoado dos fumos de cigarro, debruçado sobre um mapa de Lisboa, a conspirar. (...)” (139-140); “Ele iria contar tudo à classe operária. Iria explicar que espécie de sujeito era Rui Alves, iria denunciar os podres da Fundação, dissecar a sua natureza de classe, oferecer-se para escrever um artigo fulminador para o *Avante!*” (183).

<sup>14</sup> Ibid.: 32, 42-43.

O efeito de caricatura satírica que se obtém resulta, pois, por um lado, não só da exagerada vontade de militância de Joel Neves, mas também da sua crença na manutenção de uma linha de sigilo e de uma linha de cunha recomendada<sup>15</sup>. Estas transformam o percurso de adesão ao Partido numa espécie de anacrónica e injustificável secreta odisseia repleta de humor, na medida em que, consabidamente, os tempos democráticos tornaram o Partido perfeitamente legal, legítimo e aberto a novos militantes. Por outro lado, resulta outrossim, e de forma igualmente interessante, de desenhos colaterais que a iniciativa da personagem faculta.

Referimo-nos ao facto de, a propósito, se fazer desfilar um leque de personagens-figuras, como Vitorino Nunes, Júlio Baptista, o balofo advogado Heitor do Carmo Velho, o professor de grego que convencionou chamar-se Reboredo, ou o próprio Jorge Matos. Figuras bem elucidativas, alvitramos, da degenerescência de valores, do desinteresse pela política na sua essência e do fosso entre os ideais de esquerda e a sua prática efectiva, num momento em que o real panorama político tem vindo, de facto, a ser marcado mais por guerrilhas inter e intra-partidos e por (hipócritas) desejos de ascensão pessoal e menos pelo zelo na defesa séria de sérios problemas.

As pressuposições que anteriormente tecemos afiguram-se-nos passíveis de caucionação, por exemplo, pelo relato da reunião “subordinada ao tema «O Partido, as políticas de educação e o momento político»”. Reunião onde algumas das escassas, e aborrecidas, vinte pessoas aí presentes aproveitam o oportuno momento do discurso de Júlio Baptista para se esgueirarem, enquanto as restantes acatam, agradecidas e sorridentes, a não menos oportuna exclamação de “já são oito horas!”, que dá por findo o pouco ou nada profícuo encontro. Arrumadas as pastas e recolhidos os papéis, anula-se definitivamente qualquer possibilidade de alcançar resultados efectivos quer no que respeita ao cerne da reunião quer no que concerne à possibilidade de o hesitante Vitorino Nunes, arrastado também para a ‘secreta odisseia’, comunicar o desejo de Joel Neves<sup>16</sup>.

O que assim sub-repticiamente ressalta deste episódio é um acérrimo ataque ao grupo militante para quem o Partido parece ter apenas uma

---

<sup>15</sup> Entre o reconhecimento de Jorge Matos (ibid.: 44), que parece despoletar a decisão de aderir ao PCP (54), e o derradeiro encontro entre ambos no bar sugestivamente nomeado A OFICINA (202-210) ocorre uma série de diálogos cujo pendor caricatural é, por vezes, realçado por breves informações que, à laia de indicações cénicas, numa evidente contaminação pelo género dramático, se colocam entre parênteses (69, 78).

<sup>16</sup> Ibid.: 126-128.

função decorativa. Esta linha crítica estende-se, ainda, pela forma como se narra o jantar no Solar do Macedo, local de encontro marcado de personagens já nossas conhecidas e espaço que “Um cidadão desprevenido” facilmente classificaria de

tasca infecta. E teria razão. Essa era de resto a opinião geral dos frequentadores das quintas-feiras, a quem a sordidez e a pobreza do local agradavam sobremaneira. Eles estavam fartos de bifés, queriam era peixe frito; estavam fartos de *Periquita*, queriam era tintol, mesmo com um picozinho; estavam fartos de napas almofadadas, queriam era cadeiras de pau, ou bancos com um buraquinho redondo de enfiar o dedo<sup>17</sup>.

O repasto que periodicamente aqui decorre, e que vagamente traz à memória (numa relação inversa já que esse pretendia ser um esforço de vida social sofisticada) o célebre episódio do jantar do Hotel Central em *Os Maias*, de Eça de Queirós, traduz-se numa sinuosa estratégia de crítica aos que deveriam defender os ideais da classe trabalhadora mas que, na prática, acabam por brincar ao proletariado uma vez por semana.

Mesmo aceitando, na sequência do que já havia advertido em *Os Alferes*, que estas histórias possam ser “inventadas de ponta a ponta”<sup>18</sup>, o certo é que o leitor coevo não pode deixar de considerar que elas contêm, não obstante, um mínimo de referências que as torna recognoscíveis e que, por isso, as faz parecer plausíveis e possíveis.

Não nos parece despiendo acrescentar, pois, que na criação do efeito de um mundo possível na obra em apreço ganha papel de relevo, por exemplo, e para além dos traços histórico-geográficos em pano de fundo, o facto de uma figura do mundo real, Agustina Bessa Luís, ser chamada ao território da ficção onde interage com Eduarda Galvão, uma personagem do mundo de papel<sup>19</sup>. A criação possível é da inteira responsabilidade da entidade que rege o discurso<sup>20</sup>, que revela “an extreme self-consciousness

---

<sup>17</sup> Ibid.: 120-121.

<sup>18</sup> Carvalho, 1989 (“Nota do autor”).

<sup>19</sup> Carvalho, 1989: 143-144.

<sup>20</sup> A propósito da cadeia de Pinheiro da Cruz, onde se encontra preso Cláudio Ribeiro Neves, e reafirmando abertamente as vantagens da focalização omnisciente, comenta, por exemplo, “Joel Strosse não conhece todo este percurso, aqui explicado pelo à-vontade do omnisciente narrador, o qual, se a cadeia de Pinheiro da Cruz não for exactamente assim, convida desde já os Serviços Prisionais a conformarem-se ao texto, ou pelo menos a absterem-se de polémicas incómodas e derivativas do que lhes interessa a eles e a mim”, *ibid.*: 35.

about language, literary form and the act of writing fictions; a pervasive insecurity about the relationship of fiction to reality; a parodic, playful, excessive or deceptively naïve style of writing<sup>21</sup>.

Marcas facilmente identificáveis na obra em apreço nos múltiplos momentos em que se materializam as “tentações de criminalidade literária”<sup>22</sup>, passíveis de corroboração, por exemplo, no seguinte excerto:

Agora há uma passagem muito rápida em que se contam uns pormenores relevantes que me convém despachar antes de rematar a primeira parte do livro. Daqui a bocado preciso de dirigir uma pequena interpelação ao Joel Strosse, e, até lá, não convém que fique nada por elucidar. Se não fosse abusar, até usava alíneas e limitava-me a substantivos. Mas como costume ficar incomodado das habilidades modernças, armadas ao pingarelho, com que a minha concisão poderia confundir-se, forço-me, por disciplina, a debitar texto, embora escasso. Onde é que eu ia<sup>23</sup>.

Não concordamos, por conseguinte, com a opinião expressa por Osvaldo Silvestre quando, ao assinalar o “ímpeto desconstrutivo” de Mário de Carvalho, considera curioso que este não o tenha conduzido “à prática da metaficção tão frequente nos nossos dias”, reservando a referência a um “afloramento metaficcional” para o caso do epílogo de *Casos do Beco das Sardinheiras*, momento em que o autor é visitado pelas personagens criadas<sup>24</sup>. Em nossa opinião, este procedimento é, no entanto, apenas mais um modo, extremo sem dúvida, de chamar a atenção para a obra como construto ficcional.

Curiosamente, em *Era bom que trocássemos umas ideias obre o assunto*, onde bastas vezes indicia a sua posição e a sua função de autor totalitário na orquestração e na manipulação do discurso, esta forma extrema de metaficção é apenas exposta como ensaio não conseguido. Deslizando do seu “Olimpo” e instalando-se na “sala pelintra” de Joel Strosse afirma tentar chegar à fala com a personagem, “interpelá-lo e tratá-lo, por instantes fugazes, na segunda pessoa do singular”; apercebe-se, todavia, “de que é inútil querer chegar ao contacto de Joel Strosse” porque, numa inversão de

---

<sup>21</sup> Waugh, 1988: 2.

<sup>22</sup> Carvalho, <sup>5</sup>2003: 104.

<sup>23</sup> Ibid.: 112.

<sup>24</sup> Ver Silvestre, 1998: 218.

ontologias existenciais que, apesar disso, acabam por traçar a linha divisória entre realidade e ficção, “Joel existe, eu não”<sup>25</sup>.

Para além dos exemplos que temos vindo a registar, e de outros que posteriormente mencionaremos, o exercício metaficcional acontece, também, quando evidencia plena consciência da diferença entre o tempo do discurso e o tempo da história (“Por um instante fugaz – tanto que leva mais tempo a contar do que a acontecer – tentou recordar as suas aulas de judo, em adolescente, no Lisboa Ginásio”), ou quando elucida que um «como» que utiliza “não introduz metáforas, por ora, que as reservo para mais tarde, talvez dedicando-lhes meio capítulo ou um inteiro, para conferir um toque de literariedade *petite-bourgeoise*, muito vendável, a este texto...”.

A auto-reflexividade ocorre também quando, revelando que os pensamentos grafados não são seus, o narrador permite entrever a contaminação pessoal a que os sujeita: “Estes pensamentos não são meus que não quero ferir susceptibilidades de criadores de *dobermans*, mas eram mais ou menos – descontando a parte do Ray Bradbury – os de Joel Strosse.”

Em outros momentos, confessa omitir uma conversa “completamente destituída de importância” entre Eduarda e Cremilde “a bem da economia da história” ou admite não dizer tudo “sobre a mobília” da sala de Jorge Matos porque “ir mais longe era exagerar”<sup>26</sup>.

As “particularidades irritantes para os mais acostumados”, referidas na Advertência, são também patentes, e confirmadas, pela confissão de lhe apetecer “um derivativo de deixar assentar os nervos”<sup>27</sup>.

Sendo pois verdade que a auto-reflexividade em *Era bom que trocássemos umas ideias sobre o assunto* se revela como empenho de base que acompanha a construção-caracterização satírica das personagens (e, *pour cause*, do enredo em geral), a que se alia a devida ironia e o conseqüente afastamento da instância reguladora do discurso, não é menos verdade que de todo este processo ressaltam relações intertextualmente paródicas com certas tradições literárias do passado. A descodificação destas relações não compete exclusivamente às capacidades hermenêuticas e enciclopédicas do leitor, já que, numa espécie de relação edipiana morta à nascença e posta a descoberto, cabe também ao narrador, que manifestamente assume, expondo à flor da tessitura do seu discurso, a ausência das características do texto-estilo

---

<sup>25</sup> Carvalho, 2003: 114.

<sup>26</sup> Ibid.: 27, 50, 34, 38 e 47, respectivamente.

<sup>27</sup> Ibid.: 81.

parodiado. Este, contudo, acaba por ser incorporado, assim ilustrando essa já tantas vezes notada contradição do Post-Modernismo. Mesmo quando parece seguir-se essa tradição, o desnudamento metaficcional do processo obsta à consecução do pastiche, impondo, segundo cremos, o devido afastamento irónico.

É assim que, por exemplo, na apresentação de personagens como Rui Alves e Joel Neves, se convocam (antecedendo, acompanhando e muitas vezes prolongando a caracterização) processos e técnicas narrativas cuja aplicação deve indubitavelmente ser lida como afastamento crítico, mais ou menos velado, de práticas literárias que já fizeram moda e cânone no século XIX:

Ora, no sexto andar do edifício aludido, num gabinete amplo e com **decoração assim-assim, que seria ocioso especificar**, fitam-se duas personagens: uma do lado do proprietário da secretária, a outra, do outro. O titular do gabinete e anfitrião chama-se Rui Vaz Alves, é vogal da administração e dirige o «departamento de contacto» da casa; **o outro chama-se Joel Strosse Neves, estancia habitualmente num dos pisos de baixo e tem, sobre o primeiro, a única vantagem de ser o protagonista desta história.** Como, neste breve relance, os dois homens estão apenas a olhar um para o outro, e não adiantam nada, **eu aproveito a ocasião para me prevalecer duma velha tradição literária e apresentá-los ao leitor, com o acrescento dumas circunstâncias esclarecedoras**<sup>28</sup>.

Antes, já o narrador confessara ter falhado a ocasião de “fazer progredir o romance”, na medida em que, por já ir na página dezasseis (por acaso é a página dezoito) se encontra em “atraso sobre o momento em que os teóricos da escrita criativa obrigam ao início da acção”. Facto que o leva a ver-se “obrigado” a deixar considerações que vinha tecendo “para passar de chofre ao movimento, ao enredo. Na página três já deveria haver alguém surpreendido, amado, ou morto”.

Se no excerto que acima transcrevemos se faz uma paródia à convenção, se exorcizam os mandamentos do passado literário, e as regras de bem compor um romance, pela incorporação distanciada e explícita de técnicas de apresentação de personagens, outros momentos há em que o exorcismo se exerce através de uma clara e franca rejeição de outros preceitos, no caso os da minuciosa estética realista.

---

<sup>28</sup> Carvalho, 2003: 18 (destacados nossos).

Assim acontece quando, a propósito da sede da revista *Modelar* e, posteriormente, do ridículo episódio de caça às moscas no gabinete de Bernardo Veloso, na revista *Reflex*, comenta:

**Como seria interessante** aprofundar este pequeno microcosmos naquele andar do Forno do Tijolo, dividido por tabiques de pasta de madeira, onde incessantemente ronronava um fax quando os telefones o deixavam ouvir e as letras corriam céleres nas pantalhas dos monitores... **Seria um tratado de vida. Porém, não é para isso que eu aqui estou.** Interessa-me tão só a Eduarda Galvão;

A brincadeira prossegue até à hora do jantar, sobrando ainda algumas moscas para o dia seguinte. **Um escritor estilista dedicaria umas boas três páginas a descrevê-la, com gestos, saltos, risinhos, urros e queda de objectos. Eu por aqui me fico.** Não quero abusar das oportunidades. Basta-me perscrutar o olhar de Bernardo e anotar que ele se mostra sinceramente reconhecido para com Eva<sup>29</sup>.

A assunção do controlo narrativo que o narrador exerce permite-lhe, ainda, atestar a impossibilidade de continuar a tradição de um certo Romantismo de tempos camilianos:

A segunda parte queria eu começá-la logo de rijo, e em festa. **Tinha ensejado para este lugar uma vasta elipse, de proporções conformes aos estilos consabidos da Retórica e da Geometria.** Mas, antes, arrebatou-me um escrúpulo cadastral de apontar, em sinopse, o que ocorreu no interim, com prejuízo da tal figura de estilo, que fica a dever à perfeição. Teria a vida facilitada se os acontecimentos houvessem evolucionado de molde a eu poder dizer como Camilo «decorreram dez meses sem sucesso digno de menção...», deixando o tempo, entretanto, a trabalhar para o romancista.

**Mas o que aconteceu, aconteceu, e não lhe falta a sua pertinência.** Conta-se em poucas penas<sup>30</sup>.

Apesar de todas as advertências para o estatuto ficcional do que conta, há, contudo, outros momentos em que o narrador afirma um enraizamento

---

<sup>29</sup> Ibid.: 57 e 84, respectivamente (destacados nossos).

<sup>30</sup> Ibid.: 117 (destacados nossos).

no real. Depois de se ter preparado “para descrever melhor o gabinete de Bernardo”, e quando “já ensaiava vários ângulos, com movimentos cinematográficos do olhar, a que não faltava um contra-picado, (...) alguém, truz, truz!, bateu à porta e (...) estragou os arranjos”, acaba por observar que **“A vida, não raro, ficciona, devaneia, absurdiza e eu hei-de conformar-me a ela, mais do que ao famoso pacto de verosimilhança outorgado com o leitor”**<sup>31</sup>.

Numa abordagem passível de ser considerada demasiado redutora poder-se-ia encarar este tipo de auto-referencialidade, que pelas paródicas relações intertextuais remete para o mundo da própria literatura, como um atestado do pendor formalista das obras. No entanto, e de acordo com a linha de raciocínio que vimos seguindo, cremos que se deve proceder à derrogação de tal hipótese. Convocamos, a propósito, duas observações dignas de nota.

Em primeiro lugar, nos casos em que a apropriação textual se processa entre duas obras singulares (a. o *Ulysses* de Joyce e b. a *Odisseia* de Homero, para referir dois dos mais conhecidos exemplos), acreditamos na necessidade de ter em conta que, sendo certo verificar-se a remissão de um para outro texto, de a. para b., não é menos certo que, por sua vez, b. reenvia para a representação de um determinado cenário-mundo que, em diferido e salvaguardadas as devidas distâncias temporais e estético-ideológicas, se imita.

Parece acontecer, pois, um duplo enraizamento ontológico, no texto que se imita e, em segunda mão, no mundo que este representa, veículo eventual para o(s) ‘passeio(s) inferencial(ais)’, satírico(s) ou não, propugnado(s) por Umberto Eco<sup>32</sup>.

Em segundo lugar, no caso concreto de *Era bom que trocássemos umas ideias sobre o assunto*, a saída do espartilho formalista parece processar-se não só pela já mencionada possibilidade de identificarmos certas personagens com gente-tipos coetaneamente reais, mas também porque determinados segmentos do texto ecoam lascas de cenários e de tipos já patentes em outros textos, no caso os ecianos. Estes permitem reiterar, numa representação diferida que se projecta num futuro que é o presente em que vivemos (e, no caso, abrindo caminho para a sátira), a ligação a uma realidade extra-literária.

Esta, mais de um século decorrido, suscita, apesar de tudo, críticas afins: às limitações de mentalidade e à diferença entre o que se é e o que se

---

<sup>31</sup> Ibid.: 84 (destacados nossos).

<sup>32</sup> Eco, 1979: 126-127.

quer parecer e, principalmente, à sordidez e à pouca seriedade de ambientes jornalísticos, antros de venalidade e de incompetência.

A extrapolação crítica é permitida, como já referimos, quer pela caracterização de certas personagens quer pela descrição de determinados ambientes (muitas vezes complemento e/ou extensão de traços marcantes da gente que os povoa). Eduarda Galvão, por exemplo (e do mesmo modo os ambientes jornalísticos por onde se movimenta), é, sem dúvida, o exemplo flagrante do prolongamento possível do tipo do jornalista, oportunista e sem escrúpulos, de nítido recorte eciano.

A prosaica máxima que o narrador de *Os Maias* coloca na boca de Palma Cavalão (“O mal não foi grande, e sempre se fez alguma coisa pela porca da vida”<sup>33</sup>) é, em Eduarda, uma espécie de jeito especial que lhe permite alcançar com sucesso, e sem olhar a meios, os fins desejados. Tal acontece quando, ainda na Revista *Modelar*, “em apenas dois meses”, consegue “quatro vitórias importantes para o ego”: para além de ver o seu nome citado no *Expresso*, causa uma depressão na jornalista fumadora que assim se vê obrigada a meter baixa; seduz o fotógrafo numismata, “deixando que a pretendente o soubesse (...), mas escondendo o facto ao director”; e martiriza “uma jovem estagiária, licenciada em Química (...) e a quem começou por rosar, à laia de recepção: «Química, hem? Ah, estas vocações falhadas...»”<sup>34</sup>.

A hipocrisia da personagem é ainda bem patente nesse jocoso excerto onde se dá conta da sua mudança de atitude em relação a um rapaz que, inicialmente, lhe parece repugnante mas que, depois de o saber editor da Revista *Reflex*, começa a interessar-lhe:

A metamorfose de Eduarda foi tão rápida que eu suspeito de que andou por ali uma fada, que fez trabalhar a varinha competente nesse preciso momento, operando a metamorfose de Eduarda após ter operado a do batráquio. Não sei se o alvejado reparou na maravilha, mas Eduarda, que não tinha saúde para desistências, cogitou: «Tás aqui, ‘tás no papo!»<sup>35</sup>.

A falta de ética jornalística, numa completa ausência de regras deontológicas, é passível de ser ilustrada de modo mais consistente quando, impe-

---

<sup>33</sup> Queirós, s./d.: 542.

<sup>34</sup> Carvalho, 2003: 57.

<sup>35</sup> Ibid.: 60..

dida de ouvir as respostas dadas pelo escafandrista que pretendia tentar a travessia do Tejo (em virtude de deficiência na gravação, quase parecendo que “os elementos e o material japonês” se tinham conjurado contra ela<sup>36</sup>), a jornalista de *Era bom que trocássemos umas ideias sobre o assunto* não hesita em aceitar a sugestão de Jorge Matos:

— Não importa. Inventam-se aí umas coisas. Desde que sejam lisonjeiras para o homem, ele até fica feliz. Ora senta-te lá ao computador e escreve. Eu, depois, corrijo-te a ortografia.  
E foi ditando perguntas e respostas (...)<sup>37</sup>.

Episódio que, agora, traz à memória esse outro em que Agostinho Pinheiro, redactor da *Voz do Distrito* em *O Crime do Padre Amaro*, recorda a João Eduardo a recomendação que, na véspera, lhe havia sido feita pelo doutor Godinho, director do jornal: “Em tudo que cheirar a padre, para baixo! **Havendo escândalo, conta-se! Não havendo, inventa-se!**”<sup>38</sup>.

A distância que metaficcionalmente se instaura nos segmentos de *Era bom que trocássemos umas ideias sobre o assuntos* em que, de modo diverso, se convocam parcerias com autores do passado literário (pela negação, pela ausência inscrita ou pela apropriação paródica das características do modelo/estilo imitado), permite, por um lado, a instauração da mimese de processo<sup>39</sup>. Por outro lado, em simultâneo, os laços intertextuais estabelecidos possibilitam a reflexão sobre o facto de que, sendo outro o contexto sócio-cultural, são também outras as exigências e as modas dos ventos literários que percorrem o cenário coevo e que assolam os gostos do público leitor.

De acordo com Carlos Reis,

o que aqui se passa algo tem a ver com a narratologia (...) no sentido em que aquilo que este romance evidencia é a exaustão de um género (ou, se se quiser ser mais moderado, os riscos de exaustão que ele corre), por força de uma **institucionalização** que decorre também dos termos em que foi **apropriado** pela teoria literária e pelas instituições (...) que o acolhem. Deste modo, como romancista, M.C. **antecipa-**

---

<sup>36</sup> Ibid. 80.

<sup>37</sup> Ibid. 86 (destacados nossos).

<sup>38</sup> Queirós, 2000: 409 (destacados nossos).

<sup>39</sup> Respeitante à exposição/desnudamento dos códigos e meandros que deverão nortear a aproximação ao texto (ver Hutcheon, 1984: 55).

-se à **pergunta** que muitas vezes ouvimos em aulas e em sessões de esclarecimento várias: «o autor saberia mesmo que estava a utilizar uma focalização?» A pergunta é idiota e M.C. responde a ela pelo seu **reverso**, ou seja, mostrando o seu absurdo, do ponto de vista da escrita em acção<sup>40</sup>.

---

<sup>40</sup> Reis 1996: 23 (destacados do autor).

## *Bibliografia Geral*

(Página deixada propositadamente em branco)

## Edições de Mário de Carvalho

- (<sup>2</sup>1990), *Contos da sétima esfera*. Lisboa, Caminho.
- (1991), *Quatrocentos mil sestércios*. Lisboa, Caminho.
- (<sup>7</sup>1991), *Casos do beco das sardineiras*, Lisboa, Caminho.
- (<sup>3</sup>1993), *A Paixão do Conde de Fróis*. Lisboa, Caminho.
- (1996), *Os Alferes*. Lisboa, Caminho.
- (<sup>3</sup>1996), *O livro grande de Tebas, Navio e Mariana*. Lisboa, Caminho.
- (1997), *Um deus passeando pela brisa da tarde*, Lisboa, Caminho.
- (<sup>3</sup>1997), *Fabulário*. Lisboa, Caminho.
- (<sup>2</sup>2003), *Era bom se trocássemos umas ideias sobre o assunto*. Lisboa, Caminho.
- (<sup>3</sup>2004), *Fantasia para dois Coronéis e uma Piscina*. Lisboa, Caminho.
- (<sup>2</sup>2006), *A inaudita guerra da Avenida Gago Coutinho*. Lisboa, Caminho.
- (2008), *A sala magenta*. Lisboa, Caminho.
- (2010), *A Arte de Morrer Longe*. Lisboa, Caminho.

## Estudos

- Adorno, T. W. (<sup>2</sup>1983), “Posição do narrador no romance contemporâneo”. In: *Benjamin, Honkheimer, Adorno, Habermas*. Trad. port. José L. Grunnewald *et alii*. São Paulo, Abril Cultural: 269-273.
- Albaladejo, T. (1986), *Teoría de los mundos posibles y macroestructura narrativa*. Alicante, Universidade de Alicante.
- Albaladejo, T. (1992), *Semántica de la narración: la ficción realista*. Madrid, Taurus.
- Albérès, R. M. (1972), *Métamorphoses du roman*. Paris, Albin Michel.
- Almeida, J. F. (1997), *Bíblia Sagrada*. Rio de Janeiro, Fecomex (Ed. Revisada e corrigida).
- Alves, C. C. (2010) “Vestígios do trágico em Mário de Carvalho”. *Navegações* 3. 1: 53-58.
- Anacleto, M. T. (1996), “(Sub)versions du “cliché” romanesque au XVII<sup>e</sup> siècle: le “roman bourgeois” de Furetière”, *Confluências* 14: 97-109.
- Angelini, P. R. K. (2011) “Recensão de Carvalho, M. *A arte de morrer longe*. Lisboa, Caminho, 2010. 128p.”. *Navegações* 4. 1: 131-133.
- Arnaut, A. P. (2001), “Donas e donzelas n’a Demanda do Santo Graal”, *Santa Barbara Portuguese Studies*. Califórnia, n. 5: 29-71.

## Bibliografia geral

- Aristófanes (²1989), *A Paz*. Tradução de Silva. M. F. Coimbra, Instituto Nacional de Investigação Científica.
- Aristófanes (2006), *As Aves*. Tradução de Silva, M. F. Lisboa, Edições 70.
- Aristóteles (1986), *Poética*. Tradução de E. Sousa. Lisboa, Fundação Gulbenkian.
- Arnaut, A. P. (2002), *Post-Modernismo no romance português contemporâneo. Fios de Ariadne-máscaras de Proteu*. Coimbra, Almedina.
- Assis, A. K. T. (2008), *Arquimedes, o centro de gravidade e a lei da alavanca*. Montreal, Apeiron Montral.
- Auerbach, E (1976), *Mimesis (A representação da realidade na literatura ocidental)*. São Paulo, Perspetiva [1ª ed., 1946].
- Aurélio, Marco (1971), *Pensamentos*. Versão de João Maia. Lisboa, Editorial Verbo.
- Bakhtine, M. (1970), *La Poétique de Dostoievsky*. Paris, Éd. du Seuil.
- Bakhtine, M. (1981), *Dialogic imagination: four essays*. Austin, University of Texas Press.
- Bakhtine, M. (1981), *Problemas da poética de Dostoievski*. Trad. port. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro, Ed. Forense-Universitária.
- Benjamin, W. (1985), “Sobre o conceito de História. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet”. In: *Obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política*. São Paulo, Editora Brasiliense: 222-232.
- Bessière, J. (2010), *Le roman contemporain ou la problemacité du monde*. Paris, PUF.
- Beye, C. R. (1964), “Homeric battle narrative and catalogues”, *Harvard Studies in Classical Philology* 68: 345-373.
- Bergson, H. (2001), *O riso: ensaio sobre a significação da comicidade*. Trad. port. Ivone C. Benedetti. São Paulo, Martins Fontes.
- Bhabha, H. K. (1998), *O local da cultura*. Belo Horizonte, Editora UFMG.
- Bianchet, S. B. (2004), *Petrônio. Satyricon*. Edição bilíngüe. Belo Horizonte, Crisálida.
- Bougnoux, D. (1991), “Le principe d’identification”. In *Personnage et Histoire Littéraire*. Toulouse, Presses Universitaires du Mirail: 187-195.
- Brandão, J. L. (2001), *A poética do Hipocentauro: Literatura, sociedade e discurso ficcional em Luciano de Samósata*. Belo Horizonte, Ed. UFMG.
- Brasete, M. F. (2003), “A crítica às mulheres no fr. 7 de Semónides de Amorgos”. In: Mora, C. M. (ed.), *Sátira, Paródia e Caricatura: da Antiguidade aos nossos dias*. Aveiro, Universidade de Aveiro: 39-56.
- Brauner, E. F. (2009), ““Era bom que trocássemos umas ideias sobre o assunto”: ironia de um narrador e discussão do romance”, *Revista Electrónica de crítica e teoria de literaturas. Dossiê: o romance português e o mundo contemporâneo* 5. 2. Porto Alegre: 1-9.
- Buescu, H. (1995), *A Lua, a Literatura e o Mundo*. Lisboa, Cosmos.

## Bibliografia geral

- Buescu, M. L. C. (1979), *Aspectos da herança clássica na cultura portuguesa*. Lisboa, Instituto de Cultura Portuguesa.
- Camões, L. (1979), *Os Lusíadas*. Prefácio de Hernâni Cidade. São Paulo, Abril Cultural.
- Carcopino, J. (1993), *La vida cotidiana en Roma en el apogeo del imperio*, trad. esp. Madrid, Ediciones Temas de Hoy.
- Cardoso Bernardes, J. A. (1988), *O Bucolismo Português. A égloga do Renascimento e do maneirismo*. Coimbra, Livraria Almedina.
- Carvalho, M., (2003), “Mário de Carvalho: crónica do aturdimento”. *JL – Jornal de Letras, Artes e Ideias* 864, 12/11: 12.
- Ceia, C. (2007), *A Construção do romance (Ensaio de literatura comparada no campo dos estudos anglo-portugueses)*. Coimbra, Almedina.
- Chevalier, J., Gheerbrant, A. (1994), *Dicionário dos Símbolos*, trad. port., Lisboa, Editorial Teorema.
- Colaço, J. (1995), “Mário de Carvalho”, *Biblos. Enciclopédia verbo*, I, s.u.
- Compagnon, A. (2001), *O demônio da teoria: Literatura e senso comum*. Belo Horizonte, Editora UFMG.
- Constâncio, N. (2007), *Ruínas e incertezas em “Um Deus passeando pela brisa da tarde”, de Mário de Carvalho*. Lisboa, Edições Colibri.
- Costa, L. S. (1995), “Era Bom que Trocássemos Um Ideias Sobre O Assunto, de Mário de Carvalho. A Arquitectura, A Violência”. In: *Público/Leituras*, 11 de Novembro:10.
- Cotrim, J. P. (1996), Entrevista a Mário de Carvalho: “Alguma coisa me perturba”. *Ler/Livros e Leitores* 34: 45.
- Cotrim, J.P. (1996), “Mário de Carvalho. O Mistério da Literatura”, entrevista ao autor. *LER* 34, Primavera.
- Cristóbal, V. (1992), “Búsqueda de campo, hastío de ciudad. Pasión antigua y contemporánea”. In: Guzmán, A. et alii (ed.), *Aspectos modernos de la Antigüedad y su aprovechamiento didáctico*. Madrid, Ediciones Clásicas: 131-143.
- Davison, M. (1976), “The thematic use of ekphrasis in the ancient novel”, in *Erotica antiqua. Acta of the International Conference on the Ancient Novel*. Bangor, ICAN: 32-33.
- Devereux, G. (1975), *Dreams in Greek tragedy*. Oxford, Basil Blackwell.
- Dijksterhuis, E. J. (1987), *Archimedes*. Translated by C. Dikshoorn. Princeton University Press.
- Diogo, A. A. L. (1997), “Exórdio”. In: *Biblos- Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa*. Lisboa, São Paulo, Verbo.
- D’Onofrio, S. (1978), *Poema e Narrativa: estruturas*. São Paulo, Duas Cidades.

## Bibliografia geral

- Duncan, T.S. (1935), "The *deus ex machina* in Greek Tragedy". *Philological Quarterly* 14: 126-141.
- Dunn, F. M. (1985), *Euripidean Endings: a Study of the Choral Exit, the Action, the Concluding Prophecy and the Deus ex Machina*. Yale University: 111-167.
- Eco, U. (1979), *Leitura do Texto Literário. Lector in Fabula*. Trad. Mário Brito. Lisboa, Presença.
- Entrevista com Mário de Carvalho <http://www.homemmag.pt/pt/index.php/arte-e-literatura/arquivo-arte-literatura/87-luisa-costa-gomes-entrevista-mario-de-carvalho>
- Ernout, A. (1993), *Pétrone. Le Satyricon*. Paris, Les Belles Lettres.
- Ernout A, Meillet, A. (1967), *Dictionnaire etymologique de la langue latine: histoire des mots*. Paris, Librairie C. Klincksieck.
- Errandonea, I. (1954), *Diccionario del mundo clásico*. Barcelona, Editorial Labor.
- Eschilo (1900) *I sette contro Tebe*. Con testo a fronte. Introd. Umberto Albinì. Trad. Ezio Savino. Milano, Garzanti Editore.
- Feijóo, B. (1998), *Um Não Sei Quê*. Lisboa, Vega [1746].
- Ferreira, C. (2003), "Mário de Carvalho. A arte de bem iludir o leitor". In: *Rodapé*: 45-51.
- Ferreira, P. S. (1999), "A paródia e as suas implicações didáticas". In: Torrão, J. M. N. (ed.), *III Colóquio Clássico – Actas*. Aveiro, Universidade de Aveiro: 113-137.
- Ferreira, P. S. (2000), *Os elementos paródicos no Satyricon de Petrónio e o seu significado*. Lisboa, Colibri.
- Ferreira, P. S. (2003), "Paródia ou paródias?". In: Mora, C. M. (ed.), *Sátira, Paródia e caricatura: da Antiguidade aos nossos dias*. Aveiro, Universidade de Aveiro: 279-300.
- Fialho, M. C. (1992), *Luz e trevas no teatro de Sófocles*. Coimbra, Instituto Nacional de Investigação Científica.
- Figueiredo, M. N. (2006), "Com humana crueldade se tece um conto. A propósito de Homenagem ao Papagaio Verde". In: Santos, G. (ed.) *Jorge de Sena: Ressonâncias e Cinquenta Poemas*. Rio de Janeiro, 7Letras.
- Fowler, D. P. (1991), "Narrate and describe: the problem of ecphrasis", *Journal of Rhetorical Studies* 81: 25-35.
- Frow, J. (1986), "Spectacle Binding: On Character". *Poetics Today* 7. 2: 227-250.
- Gaffiot, F. (1934), *Dictionnaire Illustré Latin-Français*. Paris, Librairie Hachette.
- Garrett, A. (1973), *Viagens na minha Terra*. Rio de Janeiro, Editora Trêz.
- Genette, G. (1972), *Figures III*. Paris, Ed. du Seuil.
- Genette, G. (1997), *L'Œuvre de l'Art. La Relation Esthétique*, II. Paris, Ed. du Seuil.
- Genette, G. (2004), *Métalepse*. Paris, Ed. du Seuil.
- Gomes da Torre, M. (1992), "Acerca da tradução da metáfora". *Linguas e Literaturas* 9: 209-226.

## Bibliografia geral

- Grimal, P. (s/d), *Dicionário de Mitologia Grega e Romana*. Lisboa.
- Guillén, J. (1977), *Vrbs Roma – vida e costumbres de los romanos, vol. I: La vida privada*. Salamanca, Ediciones Sígueme.
- Guthrie, W. K. C. (1976), *Les Sophistes*. Paris, Payot.
- Halliwell, S. (1968), *Aristotle's Poetics*. Chicago and London.
- Hamon, P. (1976), “O que é a descrição?”. In: Seixo, M. A. (ed.), *Categorias da narrativa*. Lisboa, Arcádia: 61-83.
- Hardwick, L. (2003), *Reception Studies. Greece and Rome. New Surveys in the Classics*. Oxford, Oxford University Press. [recensão do livro por Martin M. Winkler, in Bryan Mawr Classical Review 2004].
- Heródoto. (2002), *Histórias. Livro I*. Tradução de Ferreira, J. R., Silva, M. F. Lisboa, Edições 70.
- Heródoto (1997), *Histórias. Livro III*. Tradução de Silva, M. F., Abranches, C. Lisboa, Edições 70.
- Heródoto (2000), Abranches, C., *Histórias. Livro IV*. Tradução de Silva, M. F., Abranches, Lisboa, Edições 70.
- Homero (2003), *Odisseia*. Tradução de Frederico Lourenço. Lisboa, Livros Cotovia.
- Homero (2005), *Iliada*. Tradução de Frederico Lourenço. Lisboa, Livros Cotovia.
- Hoorn, J. F., and Konijn, E. A. (2003), “Perceiving and experiencing fictional characters: An integrative account”. *Japanese Psychological Research* 45. 4: 250-268.
- Horácio (1975), *Arte Poética*. Tradução de R. M. R. Fernandes. Lisboa, Clássica Editora.
- Hutcheon, L. (1977), “Modes et formes du narcissisme littéraire”. *Poétique* 29: 90-106.
- Hutcheon, L. (1984), *Narcissistic Narrative. The Metafictional Paradox*. New York and London, Methuen.
- Hutcheon, L. (1985), *A Theory of Parody. The Teachings of Twentieth Century Art Forms*. New York & London, Methuen; (1989), *Uma teoria da paródia*, trad. port. Lisboa, Edições 70.
- Hutcheon, L. (1988), *A poetics of Postmodernism. History, Theory, Fiction*. New York/London, Routledge; (1991), *Poética do Pós-Modernismo*. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro, Imago.
- Hutcheon, L. (2000), *Teoria e Política da Ironia*. Trad. port. Julio Jeha. Belo Horizonte, Editora UFMG.
- Immerwahr, H. R. (1966), *Form and thought in Herodotus*. University of North Carolina.
- Izaak, H. J. (³1969, 1973), *Martial. Épigrammes, I-II*. Paris, Les Belles Lettres.
- Jauss, H. R. (1986), *Experiencia y Hermeneutica Literaria. Ensayos en el campo de la experiencia estética*. Madrid, Taurus, [1977].
- Jenny, L. (1979), “A estratégia da forma”, *Poétique. Revista de teoria e análise literárias*. Trad. port. Clara C. Rocha. Coimbra, Almedina: 5- 49.

- Jerome, K. J. , “Three men on the Brummel’. In: <http://www.gutenberg.org/catalog/world/readfile?files=2061881>
- Jourdan, P. (1996), “Paul Valéry chasseur de perroquets”, *Confluências* 14: 51-59.
- Júdice, N. (1997), *Viagem por um século de Literatura Portuguesa*. Lisboa, Relógio d’Água.
- Julien, Y. (1998), *Aule-Gelle. Les nuits attiques*, IV. Paris, Les Belles Lettres.
- Jurado, F. G. (1999), “Apuntes para una historia prohibida de la literatura latina en el siglo XX: La voz de los lectores no académicos”. In: Morán, M. C. A.; Iglesias Montiel, R. M. (eds.), *Contemporaneidad de los clásicos en el umbral del tercer milenio*. Actas del Congreso Internacional *Contemporaneidad de los clásicos: La tradición greco-latina ante el siglo XXI*. La Habana, Universidad de Murcia: 77-85.
- Kerferd, G. B. (2003), *O movimento sofista*. Trad. port. Margarida Oliva. São Paulo, Edições Loyola.
- Kirk, D. M. (1960), *The digression, its use in prose fiction from the Greek romance through the eighteenth century*. Stanford University.
- Kristeva, J. (1974<sup>a</sup>), *Introdução à semanálise*. São Paulo, Perspectiva.
- Kuester, M. (1992), *Framing Truths – Parodic Structures in Contemporary English-Canadian Historical Novels*. Toronto/London, Toronto University Press.
- Lausberg, H. (1963), *Elementos de retórica literária*. Trad. port. Raul M. Rosado Fernandes, Lisboa, Gulbenkian.
- Leão, D. F. (1996), “Trimalquião: a *humanitas* de um novo-rico”. *Humanitas* 48: 161-182.
- Leão, D. F. (1997), “Trimalquião à luz dos *Caracteres* de Teofrasto”. *Humanitas* 49: 147-167.
- Leão, D. F. (1998), *As Ironias da Fortuna. Sátira e Moralidade no Satyricon de Petrónio*. Lisboa, Colibri.
- Leão, D. F. (2004), “Zoil e Trimalquião, duas variações sobre o tema do novo-rico”. *Humanitas* 56: 191-208.
- Leão, D. F. (2004a), “O *Satyricon* de Petrónio e a crise dos paradigmas tradicionais”. In: Nascimento, A. (ed.), *Antiguidade Clássica: Que fazer com este património?*. Lisboa, Centro de Estudos Clássicos: 233-242.
- Leão, D. F. (2005), *Petrônio. Satyricon*. Lisboa, Cotovia.
- Lepaludier, L. (2002), *Métatextualité et métfiction. Théorie et analyses*, Presses Universitaires de Rennes, CRILA.
- Levi, P. (1988), *É isto um homem?* Rio de Janeiro, Rocco.
- Lévy, E. (1983), “Le théâtre et le rêve: le rêve dans le théâtre d’Eschyle”, in Zehnacker, H. (ed.), *Théâtre et spectacles dans l’Antiquité*. Actes du Colloque de Strasbourg. Leiden: 141-168.
- Lopes, S. R. (2003), *Literatura, Defesa do atrito*. Lisboa, Copiart.

## Bibliografia geral

- Lourenço, E. (1982), “Da literatura como interpretação de Portugal”. In *O Labirinto da Saudade (Psicanálise Mítica do Destino Português)*. Lisboa, D. Quixote: 85-126.
- Lourenço, F. (2003), *Homero. Odisseia*. Lisboa, Cotovia.
- Luciano (1996), *Uma história verídica*. Tradução de C. Magueijo. Lisboa, Editorial Inquérito Limitada.
- Lukács, G. (1989), *Théorie du roman*. Paris, Flammarion [1916].
- “Na Lusitânia com Mário de Carvalho (História, paródia e ironia em *Quatrocentos mil sestécios* e *Um deus passeando pela brisa da tarde*)”. In *Veredas* 5 (2002) 211-224.
- Macedo, A. G. (2008), *Narrando o pós-moderno: reescritas, revisões, adaptações*. Braga Universidade do Minho.
- Machado, J. P. (1995), *Dicionário etimológico da Língua Portuguesa*. Lisboa, Livros Horizonte.
- Malina D. (2002), *Breaking the frame: metalepsis and the construction of the subject*. Columbus, Ohio State UP.
- Margolin, U. (2005), “Character”. In: Herman, D., Jahn M., Ryan, M.-L. (eds.), *Routledge Encyclopedia of Narrative Theory*. London/New York, Routledge: 54-57.
- Marinho, M. F. (1996), “O sentido da história em Mário de Carvalho”, *Revista da Faculdade de Letras. Línguas e Literaturas*: 257-267.
- Marinho, M. F. (2010), “À la recherche de l’identité perdue. Essai sur la crise d’identité dans le roman portugais contemporain”. In: Besse, M. G. & Ralle, M. (eds.), *Les Grands Récits: Miroirs Brisés?* Paris, Índigo:186-198.
- Martin, F. (1987), *Les mots latins*. Paris, Hachette.
- Martins, J. C. O. (2011), “Mário de Carvalho e a reflexão metafictional sobre o futuro do romance”. *Diacrítica. Dossiê Literatura e Religião* 25/3: 23-44.
- Martins, J. C. O. (2011), “Pensar Portugal – ironia, paródia e desencanto: Mário de Cavalho e o retrato melancólico de um país”. In: Carvalho da Silva, J. A., Martins, J. C. O., Gonçalves, M. (eds.), *Pensar a Literatura no Séc. XXI*. Braga, Univ. Católica Portuguesa: 463-478.
- Martins, J. C. O. (s.d.), “La barbarie de l’ignorance dans la culture postmoderne et la fiction de Mário de Carvalho”. In: *De l’Extrême: pratiques du contemporain dans les mondes ibériques et ibéro-américains*, Paris, CRIMIC [em publicação].
- Martins, M. F. (1983), *Sombras e transparências da literatura*. Lisboa, INCM.
- Martins, Maria João (2003), “Mário de Carvalho: crónica de um aturdimiento” [entrevista], *JL – Jornal de Letras, Artes e Ideias*, nº 864, 12 novembro, p. 12.
- Mead, G. (1990), “The Representation of Fictional Character”. *Style* 24. 3: 440.
- Medeiros, W. (1997), “Do desencanto à alegria: o *Satyricon* de Petrónio e o *Satyricon* de Fellini”. *Humanitas* 49: 169-175.

## Bibliografia geral

- Melanda, P. C. O. (2001), *Pela mão de Clío. A reescrita da História em Mário de Carvalho*. Aveiro. 38. Dissertação de Mestrado em Estudos Portugueses, apresentada à Universidade de Aveiro. Exemplar em CDRom.
- Melero Bellido, A. (2001), “La utopia cómica o los límites de la democracia”, *Cuadernos de Literatura Griega y Latina* 3: 7-25.
- Melero Bellido, A. (2004), “La lengua de la utopia”. In: López Eire, A., Guerrero, A. R. (Eds.). *Registros Lingüísticos en las lenguas clásicas*. Salamanca, Ediciones Universidad Salamanca: 149-172.
- Mendes, A. M. G. (1999), “Cultura clássica em *Um Deus Passeando pela brisa da tarde* de Mário de Carvalho”, *III Colóquio Clássico – Actas*, Aveiro: 347-363.
- Mendes, A. M. G. (2005), “Trimalquião, os coronéis e a piscina: retrato impiedoso de um país em crise”. *Ágora. Estudos Clássicos em Debate*. Aveiro 7: 129-150.
- Mendes, J. P. (1997), *Construção e Arte das Bucólicas de Virgílio*. Coimbra, Almedina.
- Mendonça, F. (1997), “A Paixão do Conde Fróis”. *Colóquio/Letras* 99. Setembro-Outubro.
- Mexia, P. (2005), “O Manuel Germano”. *Diário de Notícias. Artes*, 17 de Junho: [http://dn.sapo.pt/2005/06/17/artes/o\\_manuel\\_germano.html](http://dn.sapo.pt/2005/06/17/artes/o_manuel_germano.html)
- Moisés, M. (1973), *A criação literária: introdução à Problemática da Literatura*. São Paulo, Melhoramentos.
- Mora, C. M. (2003), “A outra resposta de Tirésias”. In: Mora, C. M. (ed.), *Sátira, Paródia e caricatura: da Antiguidade aos nossos dias*. Aveiro, Universidade de Aveiro: 7-13.
- Morais e Silva, A. (1953), *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*. Lisboa, Confluência.
- Mourão, J. A. (1998), “Posfácio”, a FEIJÓO, Benito - *Um Não Sei Quê*. Lisboa, Vega.
- Nickel, R. (1999), “Lucian’s *True Story*: impressions of a fancy voyage”, *Euphrosyne* 27: 249-257.
- Niederauer, S. (2008), “*Era bom que trocássemos umas ideias sobre o assunto* ou O simulacro da narrativa na pós-modernidade”. *Letras de Hoje* 43. 4: 83-88.
- Oliveira, B. S. (1997), *Eurípides. Hipólito*. Brasília, Editora UNB.
- Onelley, G. B. (2004), “A resistência da nau: cidade na luta pelo poder”. *Calíope* 12: 33-42.
- Otte, G. (1996), “Rememoração e citação em Walter Benjamin”. *Revista de Estudos de Literatura* 4. Belo Horizonte, Centro de Estudos Literários (CEL), Faculdade de Letras da UFMG: 211-223.
- Pereira, E. (2003), “*Viagens na minha terra*: ciladas da representação”. *Revista do Centro de Estudos Portugueses* 23 n. 32: 61-68.
- Pereira, S. M. (2008), “Poética dos sonhos e das visões em estado de vigília – I”, *Humanitas* 60: 11-28.
- Pereira, S. M. (2009), “Poética dos sonhos e das visões em estado de vigília – II”, *Humanitas* 61: 5-18.
- Perelman, C. O. (1993), *O Império Retórico: Retórica e Argumentação*. Tradução de Fernando Trindade e Rui Alexandre Grácio. Porto, Edições Asa.

## Bibliografia geral

- Perrin-Naffakh, A.-M. (1996), “Le langage cliché: aveu d’usure ou pouvoir d’écho”. *Confluências* 14: 7-14.
- Perrone-Moisés, L. (1979), “A intertextualidade crítica”. *Poétique. Revista de teoria e análise literárias*. Trad. port. Clara C. Rocha. Coimbra, Almedina: 209-230.
- Pimentel, C. S. (2001), “O latim nas literaturas portuguesa e francesa: instrumentos, métodos e agentes de ensino”, *Ágora, Estudos Clássicos em Debate* 3: 183-185.
- Piwnik, M.-H. (1998), “Mário de Carvalho: crónica de um desfecho anunciado”, *Veredas* 1, Porto: 317-325.
- Piwnik, M.-H. (2004), “De Sienkiewicz a Mário de Carvalho: Duas construções da História”. In: *Literatura e História*. Actas do Colóquio Internacional, Porto, vol. II: 139-144.
- Platão (<sup>12</sup>2010), *República*. Trad. Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Préchac, F. (1987), *Sénèque. Lettres a Lucilius*, II. Paris, Les Belles Lettres.
- Queirós, E. de (s./d.), *Os Maias*. Lisboa, Livros do Brasil.
- Queirós, E. de (2000), *O Crime do Padre Amaro*. Ed. crítica de Carlos Reis e M. Rosário Cunha. Lisboa, IN-CM.
- Rabaté, E. (1996), “Henri Michaux et le cliché: résistance et fascination”. *Confluências* 14: 61-75.
- Raimond, M. (1989), *Le Roman*. Paris, Armand Colin.
- Reis, C. (1996), “Mário de Carvalho. Incitação ao romance”. *Jornal de Letras* 28 Agosto: 22-23.
- Reis, C. (1997), “Fábula”. In: *Biblos- Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa*. Lisboa, São Paulo, Verbo: 462-463.
- Reis, C. (2005), *História crítica da literatura portuguesa*, vol. IX (Do neorealismo ao post-modernismo). Lisboa, Verbo: 287-318.
- Reis, C., Macário Lopes, A. C. (<sup>7</sup>2007), *Dicionário de narratologia*. Coimbra, Almedina.
- Ricoeur, P. (1983), *Temps et Récit*. T.I. Paris, Ed. du Seuil.
- Rio Torto, G. M. (1996), “Linguagem e cliché”, *Confluências* 14: 159-175.
- Robilliard, M.-A. (2002), *Água em pena de pato de Mário de Carvalho. Um teatro do desencanto*. Trad. port. Manuel Ruas. Lisboa, Editorial Caminho.
- Rocha Pereira, M. H. (1955), *Concepções Helénicas de felicidade no além: de Homero a Platão*. Coimbra, Maranus.
- Rocha Pereira, M. H. (1980), *Poesia Grega Arcaica*. Coimbra, Instituto de Estudos Clássicos.
- Rocha Pereira, M. H. (1984), *Estudos de História da Cultura Clássica*, vol. II (Cultura Romana). Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Rocha Pereira, M. H. (<sup>6</sup>1994), *Romana – Antologia da Cultura Latina*. Coimbra, Universidade de Coimbra.

## Bibliografia geral

- Rocha Pereira, M. H. (102006), *História da Cultura Clássica*, I (Cultura Grega). Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Rodrigues, L. G. (2005), "A Radioestesia". In <http://rprecision.logspot.com/2005/06/radiestesia.html>
- Rose, M. A. (1979), *Parody and meta-fiction*. London, Croom Helm.
- Sant'Anna, A. R. (21985), *Parodia, paráfrase & cia*. São Paulo, Ática.
- Santos, R. B. (2009), *Aspectos da Herança Clássica em Mário de Carvalho*. Belo Horizonte, Faculdade de Letras da UFMG, 2009. [versão policopiada].
- Saramago, J. (1989), *História do Cerco de Lisboa*. Lisboa, Caminho.
- Saramago, J. (1990), "História e Ficção". *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, 6 de Março.
- Schaeffer, J. M. (1992), *L'art de l'âge moderne. L'esthétique et la philosophie de l'art du XVIIIème siècle à nos jours*. Paris, Gallimard.
- Schmidt, W. (1963), *Der Deus Ex Machina bei Euripides*. Tübingen University.
- Schwartz, J. (1981), *Murilo Rubião: A poética do Uroboro*. São Paulo, Editora Ática.
- Scodel, R. (1999), *Credible impossibilities. Conventions and strategies of verisimilitude in Homer and Greek tragedy*. University of Michigan Press.
- Sedlmayer, S., "Sinais de fogo, aviso de incêndio: ideias estéticas, históricas e literárias em Jorge de Sena e Walter Benjamin". In: *Revista Literatrua e Autoritarismo. Dossiê Walter Benjamin e a Literatura brasileira*. Santa Maria, Universidade Federal de Santa Maria/RS. Disponível em [http://w3.ufsm.br/grpesqla/revista/dossie05/art\\_02.php](http://w3.ufsm.br/grpesqla/revista/dossie05/art_02.php)
- Seel, M. (1992), "Le langage de l'art est muet". In: Bouchindhomme, Ch., Rochlitz, R. (eds.), *L'art Sans Compas. Redéfinitions de l'Esthétique*. Paris, Éd. du Cerf.
- Segurado e Campos, J. A. (1991), *Cartas a Lucílio*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Seixo, M. A. (1995), "Mário de Carvalho. Romance, Humanismo e BD", *JL – Jornal de Letras, Artes e Ideias*, 12. 4: 24-25.
- Sena, J. <http://www.letas.ufjf.br/lerjorgesena/port/antologia/ficcao-e-teatro/texto.php?id=319>
- Sequeira, M. G. R. (1996), *Aproximação a uma Leitura do Risível em A Paixão do Conde de Fróis*. Tese de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto (dact.).
- Settis, S. (2006), *El futuro de lo 'clásico'*. Traducción de Andrés Soria Olmedo. Madrid, Abada Editores.
- Silva, M. F. (1987), *Crítica do teatro na comédia antiga*. Coimbra, INIC.
- Silva, M. F. (2005), *Ensaio sobre Eurípides*. Lisboa, Cotovia.
- Silva, M. F. (2007), "A porta na comédia de Aristófanes: uma entrada para a utopia". In: *Ensaio sobre Aristófanes*. Lisboa, Cotovia: 257-274.

## Bibliografia geral

- Silva, M. F. (2008), “Mensagens, cartas e livros no teatro grego antigo”, in Matos, M. C. (ed.), *Helénicos. Estudos em homenagem do Prof. Jean-Pierre Vernant (1914-2007)*. Lisboa, Edições Távola Redonda: 227-260.
- Silva, M. F. (2009), *Utopias e distopias*. Coimbra, Imprensa da Universidade.
- Silvestre, O. M. (1998), “Mário de Carvalho: Revolução e Contra-revolução ou um passo atrás e dois à frente”. *Colóquio/Letras* 147/148: 209-229.
- Silvestre, O. e Diogo, A. L. (1998), “Entrevista a Mário de Carvalho”, in <<http://www.ciberkiosk.pt>>, arquivo, nº1 (15 pp.).
- Simões, M. J. (2006), “Atrevidas e desbordantes: as personagens em Mário de Carvalho”. In *Figuras da Ficção*. Coimbra, Centro de Literatura Portuguesa: 79-92.
- Spivak, G. Ch. (2003), “Can the subaltern speak?” In: Asheroft, B., Griffith, G., Tiffin, H. (eds.), *The post-colonial studies reader*. New York, Routledge.
- Spivak, G. Ch. (1998), “Puede hablar el sujeto subalterno?”. *Orbis Tertius* 3. 6: 1-44.
- Sterne, L. (1860), *The Works of Lawrence Sterne*. London, Henry Bohn.
- Thomasson, A. (2003), “Fictional Characters and Literary Practices”. *British Journal of Aesthetics* 43. 2, April:138-157.
- Todorov, T. (1999), *O homem desenraizado*. Trad. Christina Cabo. Rio de Janeiro, Record.
- Torrão, J. M. N. (ed.) (1999), *III Colóquio Clássico*. Aveiro, Universidade de Aveiro.
- Tosi, R. (2000), *Dizionario delle sentenze latine e greche*. Milano, Biblioteca Universale Rizzoli.
- Trindade, L. (2004), “Os excessos de Abril”, *História* 65: 20-31.
- Valente, A. M. (2004), *Aristóteles. Poética*. Lisboa, Gulbenkian.
- Várzeas, M. (2001), *Silêncios no teatro de Sófocles*, Lisboa, Cosmos.
- Villeneuve, F. (1970), *Horace. Odes et Epodes*, I. Paris, Les Belles Lettres.
- Xavier, L. G. (2007), *O discurso da ironia*. Lisboa, Novo Imbondeiro.
- Walton, K. (1990), *Mimesis as Make-Believe: On the Foundations of the Representational Arts*. Cambridge Mass., Harvard University Press.
- Waugh, P. (2003), *Metafiction. The Theory and Practice of Self-Conscious Fiction*. London & New York, Routledge [1984].
- Wesseling, E. (1991), *Writing History as a Prophet. Postmodernist Innovations of the Historical Novel*. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins.
- Wolff, F. (2004), “Quem é bárbaro?”. In: Novaes, A. (ed.), *Civilização e Bárbarie*. São Paulo, Companhia das Letras: 19-43.
- Woods, J. (1974), *The Logic of Fiction*. Paris, Mouton; (2010), *A Mecânica da ficção*. Lisboa: Quetzal.
- Zagajewski, A. (2003), *En la belleza ajena*, trad. esp. A. E. Diaz-Pintado Hilario, Valencia, Pre-Textos.